O ENSINO DA MATEMÁTICA: memórias de educadores do Grupo Escolar[1] Dom Romualdo de Seixas (1960-1970)

THE TEACHING OF MATHEMATICS: Memories of Educators of Dom Romualdo de Seixas School (1960-1970)

Romulo Everton de Carvalho Moia
Universidade Federal do Pará – UFPA

Maria Lúcia Pessoa Chaves Rocha
Instituto Federal do Pará – IFPA

Osvaldo dos Santos Barros
Universidade Federal do Pará – UFPA

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo descrever e analisar as práticas educativas no ensino da matemática nos anos iniciais da escolarização no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas - GEDRS (1960-1970). Para tanto, o trabalho aborda o processo de criação e implantação dos Grupos Escolares primeiramente no Brasil, iniciando em São Paulo, e em seguida enfatizando sua propagação pelo Estado do Pará. Tratamos também sobre a institucionalização do GEDRS na cidade Cametá/PA e suas influências educacionais na região do Baixo Tocantins. Logo após, realizamos uma exposição das memórias de educadores do GEDRS que fizeram parte do contexto educacional compreendido entre 1960 e 1970, onde relataram suas vivências quanto ao ensino da matemática. E por fim, concluímos o trabalho com algumas considerações observadas, tanto com o decorrer da pesquisa quanto aspectos relacionados com as descrições das memórias dos personagens do GEDRS, observando que em Cametá o cenário educacional não acompanhou o desenvolvimento educacional retratado no contexto nacional vigente.
Palavras-chave: Educação. Matemática. Grupos Escolares.

ABSTRACT

The research aimed to describe and analyze the educational practices regarding the teaching of mathematics in the early years of schooling at the Dom Romualdo de Seixas School - GEDRS (1960-1970). Thus, the work addresses the process of creation and implementation of Schools in Brazil, starting in São Paulo and then emphasizing their propagation throughout the State of Pará. We also deal with the institutionalization of GEDRS in the city of Cametá / PA and its educational influences in the region of Baixo Tocantins. Soon after, we presented an exhibition of the memories of GEDRS educators who were part of the educational context between 1960 and 1970, they discoursed about their experiences in the teaching of mathematics. Finally, we conclude the work with some observed considerations, both during the research and aspects related to the memories

[1] Grupo Escolar: old model of primary schools that do not exist anymore (school groups).

descriptions of the characters of GEDRS, noting that in Cametá the educational scenario did not follow the educational development portrayed in the current national context.
Keywords: Education. Mathematics. Grupo Escolar (School groups).

INTRODUÇÃO

Pesquisar o ensino da matemática através das memórias dos indivíduos (professores e alunos) que vivenciaram contextos passados contribui de alguma forma na construção dessa história da matemática em diferentes contextos.

Esse trabalho se solidificou a partir do conhecimento da visão histórica e pedagógica sobre a matemática do Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas - GEDRS. Ele faz parte da dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas em fase de conclusão. Para tanto, passamos a observar que as práticas de ensino de matemática e o perfil docente que as desenvolvem se moldam ao contexto em que estão inseridos, subsidiados por uma estrutura educacional vigente.

Para fundamentar nosso estudo, realizamos um levantamento bibliográfico acerca da criação e institucionalização dos Grupos Escolares, relatando um breve histórico sobre a educação brasileira. Esse levantamento proporcionou uma visão mais ampla sobre tema. Além disso, realizamos consultas em trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações, teses) que trataram sobre Grupos Escolares e educação matemática.

Além disso, abordaremos a descrição de relatos de memória de educadores, principalmente, sobre as práticas de ensino da matemática no período em questão. Acrescentamos também, a partir dos sujeitos pesquisados, o perfil docente e os mecanismos utilizados para avaliação de ensino.

CRIAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES

A partir da Revolução Industrial, a sociedade sai da vivência predominantemente rural e passa a ocupar o espaço urbano. Esse cenário desencadeou novos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. A industrialização e posterior urbanização tiveram duas principais consequências. A primeira está relacionada a ascensão de uma nova classe social, a burguesia; já a segunda, voltada para um novo modelo de escola primária, denominado Grupo Escolar.

Após a Proclamação da República, em 1889, propagou-se a ideia de que reformas na ordem social, política e econômica eram necessárias. Além disso, como menciona Costa (2011, p.24), ficou mais forte a crença "de que a educação seria o mais forte instrumento para a consolidação de regime republicano e a construção do país moderno, capaz de oferecer ao povo as condições de sua inserção no regime democrático representativo".

O modelo de instituição de ensino denominado Grupo Escolar foi exportado da Europa e Estados Unidos. Incorporava uma concepção de escola moderna, reunindo, em um único prédio, várias turmas com distribuição de alunos em salas aulas e um maior contingente de docentes. Este fato marcou um período de renovação do ensino público brasileiro.

Além disso, Silva (2010, p. 28) relata que os Grupos Escolares foram criados em oposição ao formato de organização educacional no Período Imperial, as Escolas Isoladas, as quais funcionavam em ambientes distintos. A quebra com "os modelos anteriores, aqueles considerados como tradicionais, fazia parte da busca de um ensino com configurações modernas".

No Brasil, os grupos escolares surgiram no final do século XIX e se propagaram pelos estados brasileiros durante as primeiras décadas do século XX. Esse processo foi desencadeado principalmente com a Proclamação da República. Sua implantação tinha como objetivo mostrar a organização de um no sistema de governo por meio da educação do povo. A arquitetura dos grupos escolares era de grande porte para a época. Eram prédios monstruosos construídos em meio a pequenas casas para simbolizar que o desenvolvimento do país só seria alcançado por meio de uma educação de qualidade (GARNICA e SOUZA, 2012, p. 29).

A partir de São Paulo, outros estados do território brasileiro seguiram a mesma política educacional. França (2013, p. 04) destaca que:

Nas duas primeiras décadas do regime republicano os grupos escolares foram regulamentados e instalados nos Estados de São Paulo (1894); do Rio de Janeiro (1897), Maranhão e Paraná (1903); de Minas Gerais (1906); da Bahia, do Rio Grande do Norte, do Espírito Santo e Santa Catarina (1908); do Mato Grosso (1910), de Sergipe (1911); da Paraíba (1916) e do Piauí (1922), tendo sido extintos em 1971, com a promulgação da Lei 5.692 (FRANÇA, 2013, p. 04).

A organização escolar modificou-se com a implantação e posterior difusão do modelo educacional denominado Grupo Escolar. Gomes (2012, p.17) relata que um Grupo Escolar reunia as classes em séries – no máximo quatro ou cinco – estruturadas progressivamente de acordo com o grau de desenvolvimento da criança, cada série numa única sala sob a responsabilidade de um professor.

Segundo Costa (2011, p. 24), na Primeira República, o objetivo educacional era uma educação das classes populares. Para tanto são criadas as escolas normais2, opondo-se às escolas isoladas3, que chegaram a funcionar na residência dos próprios professores. As escolas normais propunham um sistema de ensino organizado e sob o controle do estado.

Costa e Valente (2014, p. 1-2) complementam dizendo que os grupos escolares configuraram-se:

Como uma escola urbana, moderna e complexa, os primeiros grupos escolares são instalados no interior do estado (São Paulo) em prédios especialmente construídos para abrigar a instituição, adotando uma arquitetura monumental e edificante que coloca a escola primária à altura de suas finalidades políticas e sociais, servindo para propagar a divulgação dos governos do estado (COSTA e VALENTE, 2014, p. 1-2).

[2] Escolas Normais eram escolas destinadas a formação de professores primários. No Brasil, iniciou em 1835 com a fundação de uma Escola Normal em Niterói. Disponível em http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/196/197

[3] Escolas Isoladas era uma denominação dada às escolas preliminares.

A política educacional republicana estava voltada em atingir primeiramente uma camada social fora dos grandes eixos urbanos. Dessa maneira, era possível mostrar a população que uma educação de qualidade poderia chegar a todos os lugares, não só na capital como também pelo interior.

No entanto, os grupos escolares, legalmente, foram extintos. Sua extinção foi oficializada em 1971 através da promulgação da Lei n° 5692 (FRANÇA, 2013, p. 04).

OS GRUPOS ESCOLARES NO ESTADO DO PARÁ

O estado do Pará, assim como em outras unidades da federação, aderiu a esse contexto de mudança, principalmente relacionado à educação. No entanto, essa mudança não se realizou de maneira natural, mas, sobretudo como consequência do seu meio social e político o qual passava a sociedade paraense daquela época.

Segundo Bencosta (2001, p. 106), "a iniciativa paulista de organização do ensino [...] público, através dos grupos escolares, iniciado nos fins do século XIX, certamente instigou as demais unidades da federação [...] em adotar [...] a experiência desse tipo de escola em seus Estados".

De acordo com Cardoso (2013, p. 27), assim como em todo território nacional, no Pará, principalmente em Belém, já passava por mudanças em vários seguimentos, com destaque para o político, o econômico e o educacional. Em relação ao quadro político a mudança era proveniente da proclamação da Republica. Com relação a economia, o estado passava por um período próspero gerado pela comercialização da borracha, onde se tornou referência na exportação de látex juntamente com Manaus.

No Estado do Pará, a República veio no período de desenvolvimento econômico gerado pelo Ciclo da Borracha, período conhecido como Belle Époque. Politicamente, haviam embates entre dois partidos, o Partido Republicano Paraense (PRP) e o Partido Republicano Democrático (PRD). O primeiro exercia o controle do poder político; e o segundo opositor a ele (CARDOSO, 2013, p. 28).

Com a proclamação da República, o que se defendia no Pará era que a educação seria um elemento básico para moldar os indivíduos para viver uma nova fase da história, com ideias modernas e com entusiasmo de desenvolvimento para se chegara a uma república idealizada, sem contradições, onde os consensos hegemônicos dos homens estavam consolidados pelas instruções das experiências de conhecimentos.

O controle da população e a necessidade de se criar uma moral educadora eram implicações para o reordenamento e embelezamento do espaço urbano e para inserir Belém no mundo moderno, resolvendo problemas graves como da insalubridade e acompanhar o desenvolvimento nacional que o país passava.

A partir da implantação da República, as discussões entre intelectuais, políticos e educadores paulistas fluíam para um tipo de escola primária que pretendia ser moderna e diferente daquela existente no Império. Bencosta (2001, p. 107), complementa, afirmando que para a recém instalada república brasileira, a experiência inovadora das escolas primárias graduadas - ou grupos escolares, como vieram a ser denominadas - foi entendida como um investimento que contribuiria para a consolidação de uma intencionalidade que

procurava, por sua vez, esquecer a experiência do Império e apresentar um novo tipo de educação que pretendia ser popular e universal (BENSCOSTA, 2001, p.107).

Com isso, é notório o interesse da elite "intelectual" brasileira da época em mudanças na educação no país. Uma educação com estrutura e condições de aprendizagem voltada para a população desfavorecida. O símbolo dessa mudança foi a criação dos Grupos Escolares, inicialmente com a denominação de escolas primárias graduadas. No entanto, mudanças na estrutura educacional ocorrem, mas não de forma igualitária.

Tomou posse, em 12 de maio de 1890, o Dr. José Veríssimo Dias de Matos para o cargo de Diretor Geral da Instrução pública, assumindo seu cargo no dia 17 do mesmo mês. Em reunião com os professores apresentou seu programa de ensino. "Expos suas ideias e opiniões a respeito da instrução pública como fator certo, incontestável e definitivo da prosperidade nacional, traçou o seu belo e patriótico programa" (PARÁ, 1987) 4.

Em 1898, assumiu o governo do estado o Exmo. Sr. Dr. José Paes de Carvalho. O governador deu seguimento ao projeto de desenvolvimento da educação iniciada pelo Dr. Justo Chermont. A escola primária foi alavancada a partir do Decreto n° 625 de 02 de janeiro de 1899, onde permitiu que professores normalistas assumissem disciplinas que não possuíam profissionais titulados e instituiu os grupos escolares (PARÁ, 1987).

Os grupos escolares foram considerados o melhor tipo de escola graduada primária da época. Desempenharam importante papel na evolução do ensino paraense (PARÁ, 1987).

Em 1901, foi inaugurado o primeiro grupo escolar de Belém, recebendo o nome José Veríssimo, ver imagem 1, "em homenagem àquele que desde o início do século XX já havia reivindicado ao governo republicano a criação desse espaço escolar, construído com base nas exigências da pedagogia moderna" (FRANÇA, 2013, p. 04).

Imagem 1 – Grupo Escolar José Veríssimo – 1° da Capital Belém

Fonte: Pará (1987).

No Pará, a primeira referência feita aos Grupos Escolares está disposto na legislação de ensino em 1899. O primeiro grupo escolar da capital foi regulamentado pelo decreto n°

[4] Pará, 1987 não possui página por se tratar de um Documentário referente à educação do Estado do Pará e foi construído sem numeração de páginas.

935 de 7 de janeiro de 1901. Já no interior, o pioneiro foi no município de Alenquer, criado pelo Decreto n° 722 de 10 de janeiro de 1899 (PARÁ, 1987).

Tal decreto estabelecia que os grupos escolares:

> Seriam criados preferencialmente nos distritos escolares da capital e na sede dos municípios, onde o poder público municipal fornecesse prédios apropriados para o seu funcionamento ou terreno amplo para a sua edificação, devendo atender no máximo trezentos alunos de ambos os sexos. A direção do grupo escolar era exercida por um diretor diplomado pela Escola Normal, indicado pelo Diretor Geral e nomeado pelo governador do estado. Na falta desse profissional, pessoa idônea de reconhecida experiência no ensino, poderia também assumir essa função. Ao diretor compete a direção e fiscalização do ensino (FRANÇA, 2013, 06).

De acordo com França (2013, p. 08), durante os anos de 1899 a 1905, no Pará, foram criados 25 (vinte e cinco) grupos escolares, tanto na capital (Belém) como no interior.

O GRUPO ESCOLAR DOM ROMUALDO DE SEIXAS

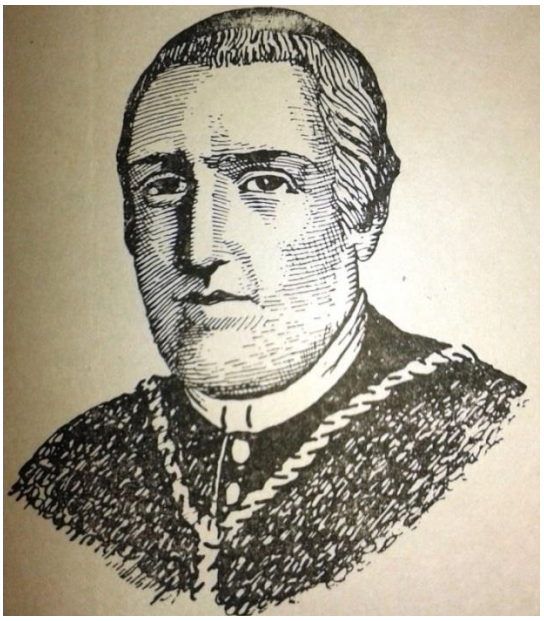
O Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas – GEDRS (Imagem 2) foi instalado em Cametá em 12 de outubro de 1899, no governo de José Paes de Carvalho. O grupo funcionou inicialmente no prédio da antiga agência dos correios, na esquina da Rua 24 de outubro, atual Frei Cristóvão de Lisboa e apresentava como primeiro diretor o cametaense Capitão Agapito Lopes Paes.

Imagem 2 – Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas

Fonte: Pará, 1987.

Seu nome é em homenagem a um ilustre cametaense que marcou a história paraense e brasileira. Larêdo (2013, p. 44) relata que Romualdo Antônio Bittencourt de Seixas (Imagem 3) nasceu à margem do Rio Mutuacá, interior do município de Cametá, no dia 07 de fevereiro de 1787. Era filho de pais agricultores, cujos nomes são Francisco Justiniano de Seixas e Ângela de Souza Bittencourt Seixas.

Imagem 3 – Dom Romualdo de Seixas



Fonte: ROQUE (1968, p. 1575).

Sobre a fundação, A Educação no Pará: documentário descreve que o GEDRS foi criado pelo Decreto n° 896 de 19 de setembro de 1900. O prédio, onde atualmente funciona, foi construído pelo Governador Augusto Montenegro e inaugurado em 12 de outubro de 1905. Antes funcionou em amplo prédio à Rua Dr. Lyra Castro, n° 59, de propriedade da viúva Alves da Silva, onde esta residia e numa de suas dependências funcionava o Correio (PARÁ, 1987).

Seu prédio localiza-se na Praça Deodoro da Fonseca, atual Praça da Cultura, foi projetado pelo engenheiro Lucas de Barros, seguindo um projeto padrão, executado também no município de Castanhal e Bragança. O mestre Álvaro de Amorim foi o responsável pela construção do prédio em Cametá, a qual apresentava mão-de-obra assalariada. O prédio foi concluído e inaugurado por volta de 1905, já no governo estadual de Augusto Montenegro; sua denominação foi em homenagem ao cametaense Dom Romualdo de Seixas, o qual teve grande envolvimento na história do Pará, como político, religioso e administrador.

A construção e a utilização deste prédio no início do século XX retratava a riqueza da região amazônica que tinha sua economia baseada na exportação da borracha e do cacau. Os filhos de Cametá que concluíam o ensino elementar e tinham posses, costumavam ir estudar na capital do Estado, no Rio de Janeiro – na época capital federal – ou mesmo na Europa.

MEMÓRIAS DOS EDUCADORES

Para entendimento do processo de ensino e aprendizagem da matemática, foram realizadas entrevistas com professores que atuaram nas décadas de 1960 e 1970 no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas - GEDRS. As entrevistas em formato de diálogos

abordaram diferentes questões: primeiramente abordamos como era o perfil do professor de Matemática; em seguida quais os materiais didáticos utilizados; logo após, como os docentes desenvolviam atividades de aprendizagem; seguindo, como eram feitas as avaliações com os alunos; como penúltimo assunto, fatos curiosos ocorridos em sala de aula (se houver); e para finalizar, como o professor era visto na sociedade cametaense nas décadas de 1960 e 1970, de acordo com o contexto de atuação de cada professor.

Após visitas aos arquivos do GEDRS, localizamos um livro com fichas individuais dos servidores. Este livro destinava-se aos registros dos funcionários do GEDRS, onde estão catalogados o nome dos servidores desde a década de 1960.

A entrevista diálogo foi semiestruturada a partir do conhecimento sobre a história da educação no Brasil e aplicado de forma individual após o consentimento dos professores em participar da pesquisa. Dessa maneira, as professoras selecionadas para este trabalho de pesquisa, por meio de seus relatos puderam compartilhar suas vivências e experiências quando lecionaram na instituição de ensino Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar primeiramente.

A Primeira docente contribuir com a pesquisa com seu relato de memória foi a Profa. CELINA FRANCO PEREIRA (Imagem 10), exercendo a docência no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas de 03 de maio de 1965 a 10 de janeiro de 1975, onde foi transferida para a Escola “General Osório”. Durante quase dez anos de serviços prestados, gozou apenas uma vez de licença especial no ano de 1974.

Qual a sua formação profissional e sua história de vida? Como aprendeu Matemática para ensinar?

Aqui não tinha ginásio na época, era só o curso primário. Tinha que prestar exame da 4ª série e 5ª série. Na 4ª série a gente se submetia a uma prova mais fácil que era para concluir o curso elementar, era um certificado que a gente recebia. Agora quando chegava na 5ª série, era uma coisa mais séria, que era o certificado do curso primário complementar. A matemática, eu achava, muito pesada, muito puxada. Tinha que estudar a parte de juros simples e compostos, estudava câmbio, tinha um assunto que estudávamos libras esterlinas, regra de companhia, que eu não sei se ainda hoje existe, regra de três simples e composta, estudávamos muito sistema métrico. Depois disso, iríamos estudar o curso regional, um curso de quatro anos, que equivalia ao curso ginasial. Depois o encerrou o curso regional e o INSA veio com o curso ginasial. A gente tinha que estudar o que hoje é o ensino médio que naquela época era o segundo grau de três anos, onde tinha o curso de magistério, que a gente se formava para ser professor. Mas depois, porque era difícil aqui [em Cametá], a gente tinha que ir para Belém, mas quem não tinha condições financeiras não podia ir e ficava trabalhando de professor. Como a gente já trabalhava de professor, o [Governo do] Estado já facilitava e favorecia através de cursos. Tinha o curso monovalente e o curso polivalente, que hoje é o curso superior, a universidade. Foi assim que eu estudei, fazendo um curso aqui outro em Belém, quando podia ir, ia, pois durava quinze dias. Para a agente poder lecionar naquela época, quem não tinha o curso pedagógico o governo ajudava pagando uma bolsa para estudar em Belém. Estudar, como

hoje se estuda a universidade, aqui [em Cametá] não tinha. Era assim que a gente se preparava mais um pouco para poder ser professor (informação verbal)[5].

Pode-se observar que a Professora Celina Franco Pereira é fruto de uma formação escolar desenvolvida no próprio município de Cametá. Só veio a estudar na Capital Belém quando já era professora, onde o governo "financiava" cursos aos professores da rede de ensino. Destaca ainda que não havia cursos superiores em Cametá, isto é, não havia universidades. Informou a questão da Formação de Professores Polivalentes que, segundo Cruz (2012, p. 2898), eram licenciaturas curtas implantadas no Regime Militar para suprir a carência de professores para atuarem nas séries iniciais do ensino fundamental.

Suas práticas como professora do primário?

O que a gente aprendia no curso era isso que passava para o aluno. Vinha da Secretaria de Educação o Programa para cada série. A gente pegava o programa e via em livros para poder dar aula. As nossas aulas, o professor não tinha aquela preocupação em ensinar; aprendíamos os métodos, a didática, mas não era o suficiente. O que fazíamos: pegávamos o programa, que hoje é o plano de curso, e tínhamos que nos virar para poder preparar as aulas. Quando não tínhamos muita certeza sobre algo, a gente se reunia e uma tirava a dúvida da outra até a gente preparar aquela aula. Não nos preocupávamos com nenhum joguinho ou alguma maneira mais fácil de passar. O que era importante: o professor dá aquela aula, ir para a lousa e explicar e escrever e ensinar (informação verbal)[6] .

Nota-se, por meio do relato da professora que sua atuação como docente e suas práticas de ensino estavam diretamente ligadas aos conteúdos que aprendia no curso preparatório para lecionar. Além disso, observa-se também que neste contexto não havia muita preocupação com instrução metodológica nem mesmo a preocupação com o ensino, pois cada professor, de acordo com o plano, elaborava suas aulas. O grande enfoque estava direcionado ao repasse de conteúdos, deixando assim o entendimento dos alunos em segundo plano. Infere-se dentro das falas a representação que o professor detinha naquela época, como detentor de conteúdos, neutralizando assim o entendimento dos alunos.

Como se ensinava matemática na sala na escola?

A gente primeiro ensinava o aluno a estudar a tabuada. Fazia aquela tal da sabatina e tinha a palmatória. Reunia os alunos a nossa frente ou então eles ficavam cada um na sua carteira e a gente fazia aquele joguinho: lá vai minha barquinha carregada de 8x4, 5x8. A preocupação era a tabuada, o aluno tinha que aprender a tabuada, decorar a tabuada, pois a tabuada era o básica daquela época, tanto é que tinha aluno que só me chamava de Professora Tabuada. Quando o aluno ficava pensando muito, a gente falava: bora! Tem que responder logo! 5x8? Noves fora? Vezes 8? O aluno tinha que estar atento para saber a sequência. Já pergunta para outro aluno e ele tinha que responder ao pé da letra senão

[5] Celina Franco Pereira. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, nov. 2015

[6] Idem

o pau comia (informação verbal)[7] .

Nota-se, por meio das falas, um modelo de ensino da Matemática totalmente mecanicista e tradicional. A tabuada aparece como elemento principal e que precisava ser decorada. Além da tabuada, estava atrelado também a prática a "Sabatina" e/ou "Palmatória". Outro fator a ser considerado na fala da professora relaciona-se ao caso da tabuada ser considerada um artefato mais importante no ensino da Matemática, enfatizando uma preocupação com a memorização, denota também a fragilidade de compreensão de conteúdos matemáticos.

Quais eram os livros usados na época?

Na minha época, que eu me lembre, tinha um livro chamado de "Aritmética", tinha um complementar e outro elementar. Era o melhor livro da época. A gente se reunia na casa da Professora Maria Cordeiro e lá estudávamos a matemática todinha. Tinha o livro da quarta série e Matemática da quinta série. Todo mundo dizia que quem estudava aquele livro com a Professora Maria Cordeiro, já estava pronto para ser professor. Dos anos de 1990 para cá, é que já saiu os livros preparados pelas editoras, como a "Conquista da Matemática" e "Praticando Matemática", outro livro muito bom, mas só se conseguia nas editoras, só em Belém. Depois tinha uma Professora aqui [em Cametá], chamada Rosilda Cohén, que era representante de uma editora que ficava na Rua Tamoios, ela sempre dava para gente. Outra coisa, o livro do professor vinha tudo resolvido, os exercícios tudinho resolvido (informação verbal)[8] .

De maneira geral, a professora Celina Franco Pereira utilizava livros que na maioria das vezes tinha que adquirir com recuso próprio. Ela cita também a Professora Maria Cordeiro que, na época, era uma referência enquanto professora. Por outro lado, quando ao revelar que possuía livros para subsidiar suas aulas, a professora acaba sendo contraditória, pois o livro "Aritmética" já continha uma leque muito grande conteúdos matemáticos. No entanto, ela revela em sua fala que embora o ensino de Matemática estivesse voltado para desenvolver outras habilidades do aluno, em suas aulas a prioridade ainda se restringia ao ensino da tabuada e conteudista.

Quais são suas reflexões sobre sua atuação como docente? Como se considerava enquanto professora?

Eu reconheço que eu era um pouco exigente. Eu gostava, assim, dos meus alunos todos organizados. De vez em quando, eu chamava um aluno para olhar o caderno. Eu adorava passar o visto no caderno do aluno. Porque eu achava que se o aluno se interessasse de ter organizado em seu caderno, muita coisa ele podia aprender por meio daquilo. Eu era e até hoje eu sou muito exigente. A minha preocupação era que meus alunos aprendessem. Eu sempre me colocava a disposição: se você não entender, você pode me perguntar. Por isso que eu exigia a atenção, pois quando você está prestando atenção numa coisa, você está acompanhando aquilo. Se você aprender, muito bem. Mas se você não aprender, vai

[7] Celina Franco Pereira. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, nov. 2015

[8] Idem

ficar com aquela dúvida. Eu me sentia bem quando todos os alunos estavam prestando atenção. Não, é porque eles tem medo, não sei se eu passava medo, mas que eu fui exigente, eu fui e tenho certeza que 90% dos alunos aproveitaram das minhas exigências. Eu acho muito desagradável você sair de um lugar onde era para aprender e não aprendeu. Acho que fui assim, por ter tido também somente professores exigentes e deixaram alguma coisa gravada e eu adquirir isso. Não tive culpa disso, pois o sistema da época era aquele, mas não maltratava em bater ou espancar um aluno (informação verbal)[9] .

A professora afirma por meio de suas falas e reforça diversas vezes que tem a consciência que sempre foi exigente. Além da exigência, que demonstra um caráter rígido, ela também confessa que a organização em sala e a atenção dos alunos sempre foram fatores que lhe agradavam. No entanto, embora ela revele que se preocupava com o aprendizado do aluno, essa preocupação parece ficar em segundo plano nas suas aulas. Por meio dessas falas, podemos inferir que o ensino da matemática também se caracterizava como um ensino rigoroso, que exigia uma postura do aluno e uma conduta autoritária do professor em sala de aula. Nota-se também que a grande preocupação dos professores daquela época não se dirigia a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, mas, acima de tudo, era pautado em "educar" sujeitos educados e obedientes.

Como eram suas provas (avaliações) de Matemática aplicadas aos alunos?

A praxe da época era uma prova. A gente fazia a sabatina da tabuada. Fazia a prova oral. Logo que comecei a lecionar, o aluno fazia uma prova escrita e logo em seguida uma prova oral. Tinha que ter uma prova escrita e uma prova oral. Ou então podia fazer um joguinho quando trabalhei de primeira a quarta séries. Separava os alunos e preparava uma conta para cada aluno e eles tinham que resolver. Já o oral era a tabuada, pois tinha que decorar a tabuada. Nós somos da época da tabuada. Hoje é diferente, pois tem o computador, a internet que facilita muito o trabalho do professor. Na minha opinião o ensino está muito melhor para a aprendizagem do aluno. A tecnologia avançou muito e o aluno só não aprende se não quiser (informação verbal)[10].

Observa-se que o ensino da Matemática daquele contexto se distancia da forma como hoje é lecionado. No entanto, a prova ainda persiste até os dias atuais como mecanismo de avaliação. Além disso, eram aplicadas provas orais, mas a linguagem oral aplicada neste período funcionava apenas para responder uma pergunta objetiva que o professor lançava. Mais um fator importante na fala da professora está direcionado ao reconhecimento que ela estabelece ao ensino tradicional ao atual. Bora ela afirme diversas vezes que sempre foi muito rígida, ela também apresentou bons resultados. A última fala da professora demonstra uma análise sobre o ensino daquela época e o atual. Verificamos que os métodos avaliativos em Matemática ainda continuam sendo aplicados na atualidade. No entanto, a metodologia do professor é algo que vem se renovando com o passar do

[9] Celina Franco Pereira. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, nov. 2015

[10] Celina Franco Pereira. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, nov. 2015

tempo com a inserção de novos instrumentos de aprendizagem como é o caso das Tecnologias da Informação, que podem auxiliar no bom desempenho do processo de ensino.

A segunda docente a realizar seu relato de memórias foi a Profa. FRANCISCA DO CARMO ESTUMANO GAIA, que foi docente do Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas no período de 19 de setembro de 1955 a 12 de maio de 1974. A partir daí, iniciamos nosso diálogo.

Qual a sua formação profissional e sua história de vida? Como aprendeu Matemática para ensinar?

Eu me formei para trabalhar como professora. Na minha formação, eu fiz o Primário (Fotografia 2), no Seixas, foi para o Colégio (Instituto Nossa Senhora Auxiliadora - INSA) e do Colégio voltei para trabalhar como Professora. Fiz o curso de quatro anos de Regente no Colégio. Depois, já na década de 1970 voltei para o Colégio e fiz o Curso Pedagógico, logo quando fundaram o curso no INSA. Aí eu fiquei com dois cursos. Eu aprendia a Matemática tudo na base da tabuada. Toda matemática tem que começar pela tabuada. Só que antigamente era muito diferente da de hoje. Hoje, eu não entendo mais; é letra, é não sei o que. Mas antigamente para ensinar as crianças da primeira série e segunda série, tinha que puxar pelas quatro operações: somar, diminuir, multiplicar e dividir. Tinha que ser nessa base, senão a criança não podia [aprender]. Tinha que mandar a criança estudar mesmo a tabuada e decorar para poder aprender. Se nós passássemos uma conta ela (a criança) tinha que saber a casa da tabuada e não tinha como resolver (informação verbal)[11].

Nota-se que a segunda professora também possui uma visão relacionada diretamente ao ensino da Matemática com a aprendizagem da tabuada. Na fala da professora Francisca também surge uma ponderação importante. Para ela, nas séries iniciais é primordial que o aluno aprenda primeiramente as quatro operações. É fundamental que os alunos comessem sua trajetória no ensino da Matemática conhecendo estas operações. É importante também salientar que para esta professora, a tabuada não caracteriza exclusivamente como o ensino da Matemática, mas ela representa o ponta pé inicial deste ensino.

É importante ressaltar também que embora o ensino tradicionalista possa ter deixado falhas, ele não pode ser desconsiderado atualmente. No ensino da Matemática, por exemplo, a aprendizagem das quatro operações pode ser tomada hoje como elemento positivo que o ensino daquela época nos deixou. Neste sentido, a fala da professora revela, acima de tudo, que para se ter um bom desempenho em Matemática é preciso ter uma boa base, isto é, uma boa formação nas séries iniciais.

Suas práticas como professora do primário?

[11] Francisca do Carmo Estumano Gaia. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, dez. 2015.

Bom, primeiro era através de desenho, fazia cartazes para as crianças e fazia desenhos. A gente comprava uns jogos para ensinar as crianças a conhecer os números, mas não sei lhe dizer o nome do jogo e nós pegávamos alguns jogos que tinham na secretaria. Jogos fáceis para a criança, dando a ideia de como somar, o que é uma diminuição, tudo na base da Matemática. Além de mostrar para as crianças saberem o que maior e menor (informação verbal)[12].

Verifica-se que, embora lecionasse no mesmo período que a professora Celina, a professora Francisca já possuía uma metodologia de ensino bastante diferenciada. O lúdico é apresentado como ferramenta introdutório para facilitar o aprendizado das quatro operações básicas da matemática. Outra questão a ser considerada não é uma maior preocupação da professora relacionada ao repasse dos conteúdos, mas sim em encontrar uma melhor forma de fazer com que os alunos aprendessem as quatro operações de maneira mais fácil e prática.

Como se ensinava matemática na sala na escola?

Ensinava a Matemática através de exercícios e conteúdos no quadro. Antigamente, esse programa para ensinar, por exemplo, no mês de fevereiro ou março vinha um planejamento da SEDUC (Secretária Estadual de Educação) para a Direção. Então, esse planejamento vinha para a primeira, segunda, terceira, quarta e quinta séries. Nós éramos várias professoras, pois tinha muita criança. Tinha um dia de planejamento só para a primeira série, depois só para a alfabetização, e conforme a série da gente, nós nos juntávamos para fazer o planejamento. Vinha tudo esquematizado da SEDUC através de programas e tínhamos que entender que na semana quantas aulas eram de Matemática, quantas de Português, História, e os dias de exercícios (informação verbal).

Um ponto em comum na fala das duas professoras é o fato de que o Plano de Ensino, encaminhado pela Secretaria de Educação do Estado, vinha esquematizado e que elas se reuniam para compreendê-lo. Outro fator que ela revela está relacionado ao ensino de várias matérias, onde proporcionava ao professor dominar diferentes disciplinas contidas no plano.

Quais eram os livros usados na época?

Eu usava sim livros didáticos, mas não me lembro quais eram. Primeiro que, lá no Grupo, a Diretora distribuía livros didáticos, porque cada ano era um livro para a criança com várias mudanças. As crianças recebiam umas cartilhas dadas pela Diretora. Os livros mesmos, alguns a gente comprava. Mas os livros não vinham diretamente para os alunos (informação verbal)[13].

Segundo a Professora Francisca do Carmo Estuma Gaia havia a utilização de livros didáticos e cartilhas. No entanto, alguns livros tinham que ser comprados pelo próprio

[12] Francisca do Carmo Estumano Gaia. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, dez. 2015.

[13] Francisca do Carmo Estumano Gaia. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, dez. 2015.

professor. Mesmo seus exemplares serem escassos, as professoras deixam claro que o livro didático era uma realidade presentes nas escolas daquela época.

Quais são suas reflexões sobre sua atuação como docente? Como se considerava enquanto professora?

Os alunos não tinham medo da professora, mas eles respeitavam a gente. Eram umas crianças que podiam até ser muito levadas, mas tinha esse negócio de palavrão. Era bacana e eu gostava até deles. Eles eram impossíveis e perigosos, mas respeitavam a gente e na hora de aprender, eles aprendiam e sei que eu gostava da minha turma. Naquele tempo, a gente lecionando, a gente tinha que apresentar uma boa porcentagem [de aprovação dos alunos] no fim do ano para a professora. Esses documentos iam todos para a SEDUC, o que eu quero falar são os mapas de notas. Esses mapas, a cada ano, cada professor preparava seu mapa do princípio ao fim para esse documento ir para a SEDUC; a Diretora mandava tudinho. Aí vendo a referência de cada professora. Se a professora desse uma porcentagem baixa é sinal que ela não estava ensinando bem para os alunos e eu fazia tudo para não ir com uma porcentagem baixa. Eu tinha essa preocupação. Quando chegava o meio do ano, em junho, já queria ver as notinhas dos alunos se estavam boas, porque aquelas provinhas mensais a gente tinha que fazer. Passar as provas mensais para eles e ver as notas. Agora, dentro dessas histórias, tinha o fracasso também. Chegava o tempo de uma colheita de pimental de japoneses pelo rumo de Tomé Açu. Tinha uma evasão que dava dentro da classe, pois os pais se mudavam para lá com as crianças e aí vai. A metade da classe saía e ficava bem poucos alunos (informação verbal)[14].

Observa-se uma diferença nas falas das duas professoras pesquisadas. Enquanto que a professora Celina era exigente e se impunha em sala de aula, a professora Francisca se preocupava em cultivar o imenso respeito por parte dos alunos. Nota-se também que seu sucesso enquanto educadora não se baseava somente na questão do respeito, mas na própria avaliação que ela teria que se submeter perante a SEDUC. Além disso, observa-se também uma postura docente menos autoritária, demonstrado em sua fala onde os alunos aram impossíveis e perigosos, e que apesar de tudo na hora de aprender, eles lhe respeitavam.

Como eram suas provas (avaliações) de Matemática aplicadas aos alunos?

Eu avaliava os alunos através dos testes. Mensalmente tinha que fazer esses testes para saber como eles [alunos] estavam. Tinha prova mensal e prova bimestral. Não gostava de sabatina. Gostava de ensinar a tabuada, mas não gostava de dar palmada nas mãos. O que eu via, em alguns internatos é que era duro a questão da palmatória, isso existia e muitas outras coisas que eu não me lembro de tudo (informação verbal)[15].

Nota-se que, embora a professora Francisca atuasse em uma época em que os métodos de ensino da Matemática estavam pautados na tabuada com aplicação de sabatina

[14] Francisca do Carmo Estumano Gaia. Entrevista Concedida a Romulo Everton de Carvalho Moia. Cametá, dez. 2015.

[15] Idem

e palmatória, ela buscava se apropriar de outros métodos que lhes permitisse melhor resultado. Ela é consciente da importância da tabuada e até utilizava em suas aulas. Mas adverte que mesmo a sabatina e a palmatória serem métodos comuns a sua época, ela não fazia uso deles. A fala da professora nos permite refletir que como docente, temos sim um rigor para direcionar o ensino como é o caso dos conteúdos que devem ser seguidos. No entanto, possuímos uma ferramenta valiosíssima em nossas mãos que é a liberdade que temos ao adotar uma metodologia. Esta liberdade, portanto, é que vai determinar o nosso sucesso ou fracasso docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento da República modificou-se o cenário administrativo do Brasil. Houveram diferentes mudanças no país. O sistema educacional brasileiro passou por transformações, pois havia a necessidade de melhorias em toda essa política educacional do país. Essa necessidade de reformas fazia-se necessário para tentar dar prestígio a educação, perdida durante o império.

Uma das iniciativas foi a criação dos Grupos Escolares. Reuniam em um único prédio várias turmas divididas em séries e por faixa etária, sob a responsabilidade de um gestor. Foi a união das escolas isoladas num mesmo espaço.

O modelo de ensino denominado Grupo Escolar foi implantado primeiramente no Brasil no Estado de São Paulo em 1892 e se propagou pelos demais estados federativos. No Pará, sua implantação ocorreu em 1899, primeiramente no interior do estado.

Em Cametá, o Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas – GEDRS foi implantado em 1900, formando cidadãos do próprio município e região do Baixo Tocantins.

Quanto ao ensino de Matemática, podemos observar nos relatos dos educandos que as práticas de ensino eram tradicionais. Professor transmissor e aluno apenas receptor de conhecimentos.

Os professores de Matemática tinham um perfil rígido e disciplinador, isso se justificava para manter o controle da turma. A sociedade cobrava dos docentes atitudes firmes quanto aos alunos, pois eram considerados formadores de cidadãos e responsáveis pela educação de seus filhos.

Em relação aos mecanismos avaliativos de Matemática, duas professoras relataram que realizavam avaliações bimestralmente e formuladas por elas próprias. Já uma professora relatou que as avaliações vinham de Belém para serem aplicadas no próprio município. Mas quem aplicava não era o próprio professor da turma e sim outro docente convidado.

Dessa forma, podemos observar que os professores selecionados para este trabalho de pesquisa, através de seus relatos, puderam compartilhar suas vivências e experiências quando lecionaram na instituição de ensino Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas – GEDRS. Descreveram aspectos relevantes quanto ao cotidiano escolar do grupo e suas práticas de ensino de matemática adotadas durante o período pesquisado.

REFERENCIAS

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. **Arquitetura e Espaço Escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928)**. Educar, n. 18, p. 103-141, Curitiba. Editora da UFPR, 2001.

CARDOSO, Wanessa Carla Rodrigues. **"Alma e Coração": o instituto histórico e geográfico do Pará e a constituição do corpus disciplinar da história escolar no Pará Republicano (1900-1920)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2013. Orientação de Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha.

COSTA, David Antonio da; e VALENTE, Wagner Rodrigues (org.). **Saberes matemáticos no curso primário: o que, como e por que ensinar?** 1. Ed. São Paulo. Editora Livraria da Física, 2014.

COSTA, Renato Pinheiro da. **O Grupo Escolar Lauro Sodré em Face da Política de Expansão do Sistema Escolar no Estado do Pará: institucionalização, organização curricular e trabalho docente (1968-2008)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2011. Orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de. **A Implantação dos Grupos Escolares no Estado do Pará**. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Cuiabá/MT. UFMT, 2013. Disponível em http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf.

GARNICA, Antônio Vicente e SOUZA, L. A. **Elementos da Educação Matemática**. São Paulo. Cultura Acadêmica, 2012.

GOMES, Maria Laura Magalhães. **História do Ensino da Matemática: uma introdução**. Belo Horizonte. CAED-UFMG, 2012.

PARÁ, Secretaria de Estado de Educação. **A Educação no Pará: Documentário**. Belém, SEDUC, 1987.

SILVA, Francinaide de Lima. **O Grupo Escolar Modelo Augusto Severo (1908-1928): Vinte Anos de Formação de Professores**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Natal, 2010. Orientação Profª. Dr. Maria Arisnete Câmara de Morais.

Romulo Everton de Carvalho Moia
Instituição: Universidade Federal do Pará
E-mail: romuloecm08@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7326-9225

Maria Lúcia Pessoa Chaves Rocha
Instituição: Instituto Federal do Pará
E-mail: lucia.rocha@ifpa.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8022-2601

Osvaldo dos Santos Barros
Instituição: Universidade Federal do Pará
E-mail: o.barros@yahoo.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7185-4009

***Recebido**: 20/09/2019*
***Aprovdo**: 28/11/2019*